

I R A C E M A

FRANCISCO SALGADO (*)

*Verdes, bravios, procelosos mares
Da terra em que me veio a luz da vida,
Onde a jandaia, à sombra dos palmares,
O seu canto modula em voz dorida;
Verdes, bravios, procelosos mares,
Que, à feição de esmeralda diluída,
Brilhais ao sol, beijando a branca areia
Das praias onde o coqueiral se alteia;*

(*) Francisco Salgado, formado pela Faculdade de Direito do Recife, cearense, de Fortaleza, publicou, em 1924, "Iracema, versificação da lenda cearense de José de Alencar", como vem escrito no rosto do fascículo, que, infelizmente, ficou apenas no 1.º número, dividindo em cinco cantos, acompanhados de um elucidário.

São os cantos em oitavas decassílabas em número de 57, com rimas cruzadas. Imprimiu o fascículo a Tip. Central, do Sr. Mário Jataí. Abre o trabalho uma carta de Mário de Alencar, dirigida ao autor. Transcrevemos, comemorando este Centenário, o 1.º canto.

*Serenai, verdes mares procelosos,
Vossas ondas rolai devagarinho,
Domai vosso furor, e bonançosos
Sêde ao batel, que ruma o seu caminho.
Sôbre os vossos recifes perigosos,
Entre as vossas espumas côr de arminho:
Deixai que, ao brando som das vossas mágoas,
Manso, o barco resvale à flor das águas.*

*Que destino procura essa jangada,
De vela aberta, afoita, corajosa,
Deixando a cearense costa amada?
Onde vai, como a alcione garbosa,
Buscando as rochas, em que faz morada,
Na imensidade d'água procelosa?
Respiram três viventes àquela hora
Sôbre o lenho que singras mar em fora.*

*Um dirige o batel: jovem guerreiro
Branco, filho da terra lusitana;
Ao lado uma criança e um rafeiro,
Que a luz viram na plaga americana,
Brincam, irmãos, em cima do dameiro.
A ventania, que da praia emana,
Traz um eco vibrante, e o mar gemente:
— Iracema — repete tristemente.*

*Vai o guerreiro ao mastro recostado,
Olhos presos na sombra fugitiva
Dessa terra, que havia abandonado.
A espaços, uma lágrima furtiva,
Que a dor lhe espreme o coração magoado
Por suas faces, trêmula, deriva
E cai sôbre as insontes criaturas
Companheiras das suas desventuras.*

*Nesse instante, seu lábio mudo e quêdo
Agro sorriso encrespa. Que deixara
Êsse infeliz na terra do degrêdo?!
Uma história que alguém me recitara
À noite, quando a brisa no arvoredo
Gemia, e, lá do céu, serena e clara,
Cobria a lua com seus véus de arminho,
As lindas praias do meu pátrio ninho.*

*Refresca o vento e furioso agita
O negro dorso ao mar, que se encapela;
Sôbre as ondas veloz se precipita
O corajoso barco, e a branca vela
desaparece ao longe, na infinita
Planura do oceano. Abre a procela,
Como o condor, as asas poderosas
Sôbre o abismo das águas alterosas.*

*Deus te salve e te leve sem perigo,
Por entre as negras vagas espumosas,
Altivo barco, e, nalgum pôrto amigo
Te poje em breve. Aragens bonançosas
Te rumem para as costas, onde abrigo
Possas achar em águas remansosas.
Enfim te guie o céu, o mar e o vento
Ao teu destino, em paz e a salvamento.*

*Enquanto, airoso barco, assim vogando
Vais à mercê das ondas e do vento,
As brancas praias, que ora vais deixando,
Torne a Saudade, que, com brando alento,
Por essas águas vai te acompanhando,
Sem de ti se apartar um só momento.
Volte a Saudade à doce terra amada,
Em que perpétua fêz sua morada.*